

Nov. início
em Brasília

1.

Introdução 1979

Folheando os primeiros recortes da coluna diária que mantive no pioneiro Correio Braziliense, de 1962 a 1972, descobri que esta Esquina de Brasília retratava com fidelidade o dia a dia da cidade ainda vaga, se assim puder^{me} expressar-me, dando um destaque especial à Universidade de Brasília, que era então nossa grande esperança, a nós brasilienses novos que aqui estávamos porque o queríamos e não compulsoriamente como aconteceu depois com os funcionários que, apesar de viverem numa cidade já mais organizada, consideravam-na como uma etapa, só sonhando com a aposentadoria quando perto e seus fins de semana ou férias na cidade da família quando jovens; a nós todos, aventureiros dos diversos tipos que a palavra comporta ou então moços que não eram mais tão somente candangos ou seja pioneiros e sim brasilienses que consideravam Brasília como sua cidade.

Em 1962, Brasília era campestre mas não era provinciana, como veio a ser em anos posteriores quando perdeu o entusiasmo e a ingenuidade pioneiros sem ser ainda uma metrópole.

Não vivi o início real e duro nem a inauguração em 1960 tão bem simbolizada pela fotografia de Raymond - Juscelino e dois acompanhantes, de fraque e chapéu - nas ainda solidões sem mágoa, "o altiplano, o infinito descampado", neste "ainda agreste: o céu azul, a terra verdeho-pungente e o verde triste do cerrado" da linda e tão ~~linda~~

injustamente nunca citada Sinfonia da Alvorada de Vinicius. que mostra o eremo, a chegada do Homem, a construção pelos trabalhadores chegando de todos os cantos da imensa pátria, o erguimento das grandes estruturas como penas brancas e o canto-chão da noite no Planalto.

Mas quando cheguei, no início de 1962, ainda havia solidariedade e todos se conheciam e se ajudavam mutuamente. A professora deixava a criança pequena com a vizinha enquanto ia dar suas aulas, de calça comprida, muitas vezes de uma côr parecida com a da terra avermelhada ~~que~~ ainda não gramada que tudo sujava. Quando os primeiros professores e alunos da Universidade de Brasília iam da provisória sala de aulas ao pequeno restaurante em dia de chuva grossa, todo mundo tirava os sapatos, entrava na lama, e tomava, depois, um conhaque que impedia de sentir frio debaixo das inúmeras goteiras que ensopavam a roupa.

Mas, antes disso, deixem-me contar o comezinho dessa universidade quando lá fui, um dia após minha chegada quando do avião tive um choque ao presenciar os prédios dos ministérios, na Esplanada, tão inesperada após o longo vôo por cima do cerrado monótono. "Vamos até a Univeraidade?" perguntou-me Cyro dos Anjos.

Chegamos em pleno cerrado.

- É aqui, disse Cyro.

Olhei em redor. Só cerrado. Nenhum barraco, nenhuma ferramenta, nenhum pedaço de terreno já limpo. Vendo meu espanto, Cyro disse calmamente, apontando para uma estacazinha

de uns trinta centímetros de altura : "É aqui que a Universidade de Brasília será inaugurada no dia 21 de abril".

- Daqui a três meses e meio ?!

- Sim.

E foram inaugurados os cinco primeiros prédios - a reitoria, com umas salas de aulas (muitas aulas davam-se ao ar livre e, mais tarde, em barracos provisórios), o pequeno restaurante, e ~~três~~ ^{dois} prédios da OCA para alojamentos de professores e alunos africanos ou latino-americanos. - ² Em abril, como ³ dos Dois Candangos em lembrança dos 2 operários soterrados ⁶ previsto! Para isso, construía-se ao mesmo tempo o assoalho ⁴ num abalo de terras ⁷ e o teto de tal sala, (Lembro-me do dia da inauguração, meia hora antes da chegada das autoridades quando um candango apareceu com umas bandeiras e perguntou onde havia de colocá-las, ~~recebendo~~ recebendo a resposta seguinte : "Senta-te aqui uns cinco minutos até acabarmos esta parede e depois você vai jogar as bandeiras por cima dela.") e todos ajudavam - Quantos pregos pregamos nas poltronas do auditório e quantas noites passamos comendo a sopa de meia noite com os candangos preferindo ajudá-los de que ir ao único-mas excelente- cinema Brasília !

São pequenas lembranças que se avolumam à medida que me lembro deste tempo de esperança. Eram nosso cotidiano. Um cotidiano rico. E pensei que talvez valesse a pena retá-lo à medida das através das crônicas diárias que o evocava. Sem pretensão de escrever um livro erudito, completo, grave. Simplesmente um dia a dia pitoresco, diferente, alegre ou triste, imprevisto para partilhar algo que não voltará. Mas um dia a dia onde os valores eram diferentes. Onde uma

arvore assassinada era o assunto de todos, indignados. Onde
Cujos domingos levavam à doença chamada brasilite, desesepro
monotonia, falta de animo, vontade voltar cidade grande e seu
possibilidades e opções. E onde 2a tudo esquecido no trabalho
variados todos faziam de tudo segundo necessidades.

e visitas-noite-jamais tanta vida social -diferente
katucha. no unico jornal citava nomes que todos conheciam.
E este belo e absurdo desejo niemeyer misturar classes cidade
diferente como se e que hoje esquecida quando lago e centro
e guaras e aqtelites divisões bem nitidas pois impossivel im
plantar ideal socialista ilha num pais capitalista co
ilha

E todas as ideias, e tudo novo , e crescer, e falta
de conforto mas certa classe, e chegada melhor brasil e estra
geiro e mudanças.....

muito esqueci. Muito deturpado. Mas para honestidade
não prolongar acaso lembranças hoje e cronicas honestamente
este simples dia a dia e revive alegrias e mortas e dificul
dades.....

Rafael